

NOTAS PARA O TRABALHO COM A HERMENÊUTICA NA PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Rodrigo Matos-de-Souza¹

Resumo: O presente ensaio busca nas teorias schleiermacherianas e ricoeuriana uma proposição para o trabalho de interpretação textual nas pesquisas educacionais. Entendendo que a Hermenêutica pode oferecer, em si, um caminho teórico, metodológico e de análise para os exercícios de linguagem que prefiguram muitos trabalhos do referido campo de investigação, em especial, os trabalhos de análise de textos e documentos, de entrevistas, de grupos de discussão e focal, e no trabalho com o outro que essas técnicas e instrumentos de coleta fornecem. A partir das abordagens teóricas da Hermenêutica Textual e da Teoria da Interpretação, as notas aqui apresentadas investigam o processo de construção de um projeto hermenêutico, em suas particularidades. Além disso, aproxima-se da pesquisa em educação provocando-a a se reconectar com a crítica, um papel que sempre desempenhou, mas, que, nas últimas décadas vem sendo substituído pela escrita, sempre aligeirada, pragmática, que deixa pouco espaço para a leitura e interpretação do que se lê. Conclui conclamando os pesquisadores do campo ao uso das teorias de interpretação, ao trabalho cuidadoso com a linguagem do outro e às muitas aberturas que esse exercício de alteridade nos apresenta.

Palavras-chave: Schleiermacher. Ricoeur. Teoria da Interpretação. Hermenêutica Textual. Pesquisa em Educação.

NOTES TOWARDS WORKING WITH HERMENEUTICS IN EDUCATIONAL RESEARCH

Abstract: This essay seeks in Schleiermacherian and Ricoeurian theories a proposition for the work of textual interpretation in educational research. Understanding that Hermeneutics can offer, in itself, a theoretical, methodological and analytical path for the language exercises that prefigure many works in the aforementioned field of research, in particular, the work of analysis of texts and documents, of interviews, of discussion and focal groups, and in the work with the other that these techniques and instruments of collection provide. From the theoretical approaches of Textual Hermeneutics and Interpretation Theory, the notes presented here investigate the process of building a hermeneutical project, in its particularities. Also, it approaches to research in education provoking it to reconnect with criticism, a role it has always played, but which, in the last decades, has been replaced by writing, always light, pragmatic, which leaves little room for reading and interpretation of what is read. He concludes by calling on researchers in the field to use theories of interpretation, to work carefully with the language of the other, and to the many openings that this exercise of alterity presents us with.

Keywords: Schleiermacher. Ricoeur. Interpretation Theory. Hermeneutics. Educational research.

¹ Doutor em Educação e Contemporaneidade, Mestre em Estudo de Linguagens e Graduado em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Professor permanente nos Programas de Pós-Graduação em Educação Modalidade Profissional (PPGEMP) e em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH) da Universidade de Brasília - UnB. Presidente da Associação Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica (mandato 2020-2022). E-mail de contato: rodrigomatos@unb.br

NOTAS PARA TRABALHAR CON LA HERMENÉUTICA EN LA INVESTIGACIÓN EDUCATIVA

Resumen: El presente ensayo busca en las teorías schleiermacherianas y ricoeurianas una propuesta para el trabajo de interpretación textual en las investigaciones educativas. Entendiendo que la Hermenéutica puede ofrecer, en sí misma, un camino teórico, metodológico y analítico para los ejercicios de lenguaje que prefiguran muchos trabajos del mencionado campo de investigación, especialmente los trabajos de análisis de textos y documentos, entrevistas, discusión y grupos focales, y en el trabajo con el otro que estas técnicas e instrumentos de recolección proporcionan. Desde los enfoques teóricos de la Hermenéutica Textual y la Teoría de la Interpretación, los apuntes que aquí se presentan investigan el proceso de construcción de un proyecto hermenéutico, en sus particularidades específicas. Además, se acerca a la investigación en educación provocando que ésta vuelva a conectar con la crítica, un papel que siempre ha desempeñado, pero que, en las últimas décadas, ha sido sustituido por la escritura, siempre ligera, pragmática, que deja poco espacio para leer e interpretar lo que se lee. Concluye haciendo un llamamiento a los investigadores de este campo para que utilicen las teorías de la interpretación, para que trabajen cuidadosamente con el lenguaje del otro y con las múltiples aperturas que nos presenta este ejercicio de alteridad

Palavras-clave: Schleiermacher. Ricoeur. teoría de la interpretación. hermenéutica textual. investigación en educación.

Nota introdutória

Venho a alguns anos labutando como professor em disciplinas de caráter metodológico no ensino de graduação e pós-graduação e percebendo, com o passar do tempo que, mesmo com a ampliação do acesso às informações, e a textos os mais variados acessíveis na internet e um sem fim de obras que circulam em modo aberto, a sala de aula segue sendo um importante espaço para se compreender aquilo que se postula como desenho metodológico em uma pesquisa, em qualquer nível universitário. O maior acesso ao conhecimento no lugar de dirimir as dúvidas parece tê-las ampliado, e o ato de ensinar aspectos metodológicos de uma pesquisa científica converteu-se em um exercício de curadoria para pessoas perdidas num labirinto. O que me permite em certa medida fazer essa afirmação – sem que me peçam uma impossível pesquisa que me permita ratificar tal fato cotidiano, como se ele não existisse exclusivamente pela falta de uma investigação sobre – é algo que, normalmente, é desprezado pela academia, a experiência. Não o acúmulo de tempo vivido, por vezes confundido com, mas o deixar-se tocar pelos acontecimentos (MÉLICH, 2012; LARROSA, 2014; ZIZEK, 2017), nesse caso, dos acontecimentos da profissionalidade docente, da experiência de encontrar e escutar atentamente os que entram e saem do labirinto.

Nesses anos como professor fui atravessado por muitas dúvidas de meus alunos, mesmo

quando o desenho metodológico era hermético, quando a proposição indicava um simples passo a passo, percebia que nada em termos metodológicos é de fácil ou imediata compreensão. Primeiro, pois a pesquisa entra tardiamente na vida dos pesquisadores, e dominar uma linguagem não é algo que se faz do dia para a noite. Em segundo, os processos de formação de pesquisadores, em especial no Brasil, não possuem a intencionalidade que dizem ter, uma vez que nem os professores envolvidos nos processos como orientadores parecem entender também daquilo que dizem aos seus orientandos. Isso não é uma culpa deles, especificamente, uma vez que ninguém pode apontar de modo seguro como se forma um pesquisador da graduação ao doutorado. Ressalto que aqui não falo das certificações, dessas que habilitam as pessoas a fazer pesquisa científica em uma instituição universitária, mas das condições para ser um pesquisador, cuja variação se dá por área, região, instituição e formação do sujeito envolvido no processo. Em terceiro, e mais adequado às notas que se apresentarão abaixo, o trabalho com o texto vem sendo cada vez mais menosprezado para dar lugar a uma escrita relatorial, de entrega rápida e leitura questionável, que se ocupa em dizer do que se leu e de quem foi lido, e pouco com a análise daquilo que encontrou, ofertando assim uma contribuição, se não original, pelo menos autêntica do trabalho com a linguagem que deveria ser parte essencial do exercício de pesquisa acadêmica nas Ciências Humanas.

A intencionalidade desse texto, que se iniciou como aula e foi ganhando corpo como anotação ensaística é tentar colaborar nesse processo incerto de formação de pesquisadores na área de Educação, que querem trabalhar com a linguagem, e desejam desenvolver um trabalho interpretativo, mas encontram-se tão perdidos como eu me encontrava quando iniciei meu percurso como pesquisador e professor universitário que, é preciso dizer, teve mais momentos de autoformação que de ensino, sem contar os momentos em que em plena angústia desisti de sair do labirinto e fiquei por lá alguns anos, entre perdido e desiludido. Então, se você é esse leitor, com essas necessidades, as notas que se seguem são dedicadas a você.

Primeira nota

Sobre Hermenêutica e Interpretação muito já foi dito e escrito. Pode-se traçar sem muita dificuldade uma linha histórico-epistemológica desse campo, partindo de Schleiermacher a Gadamer, passando por Dilthey e Heidegger e chegando à contemporaneidade (FERREIRA,

2019) – alguns desses autores podem oportunamente aparecer neste ensaio, não os estou ignorando no momento em que aponto para Schleiermacher e Ricoeur como foco de estudo. É uma questão de definição de trabalho, como diria Ricoeur (1977), e como não pretendo fazer nenhum verbete de história da filosofia por aqui, antes um exercício, uma provocação ao trabalho interpretativo no campo da educação, que vem ampliando consistentemente seu interesse pela hermenêutica nas últimas décadas (MISGELD; NICHOLSON; SCHIMIDT; REUSS, 1992; WELLER, 2010; MATOS-DE-SOUZA, 2011; ALVES, 2011; SILVA, 2011; FLICKINGER, 2014; PEREIRA, 2016; MATOS-DE-SOUZA, 2016; SICHELERO, 2019; ARAÚJO, 2019).

De início, não entrarei na dificuldade apontada por Ricoeur (2011) de ter que escolher entre os termos hermenêutica e interpretação, que aqui serão tratados como sinônimos quando necessário, com a exclusividade do uso do primeiro termo quando este fizer referência ao campo de estudo, a Hermenêutica. Entenderei como uma diretriz de trabalho a hermenêutica como teoria da interpretação, a qual se ocupa das operações necessárias para que se dê a compreensão de um texto. Também, é sempre bom avisar a alguém que esteja um pouco perdido por aqui desde o resumo, e das referências aos autores em estudo, trato aqui da hermenêutica textual².

Ao me ocupar aqui de Schleiermacher e de Ricoeur o faço por identificar uma complementaridade na proposta hermenêutica de ambos e vislumbrar a complementaridade do projeto schleiermacheriano (2001) na proposta de uma teoria da interpretação por Ricoeur. (2011). O que expõe um significativo avanço para o trabalho de interpretação, cuja melhor compreensão pode contribuir para desenhos mais bem construídos em termos metodológicos por pesquisadores em passos iniciais de investigação. Então, é desse modesto pano de fundo que estamos partimos.

² Marco aqui a diferença entre os projetos de hermenêutica operados por Schleiermacher e Dilthey, e retomado por Ricoeur no século XX, notados pelo esforço interpretativo do texto, em relação aos projetos de “Heidegger e Gadamer [que] inscrevem definitivamente a hermenêutica na ontologia e, dissociando-se da discussão metodológica, produzem um discurso hermenêutico a partir de investigações do ser” (MATOS-DE-SOUZA, 2011, p. 23).

Segunda nota

A Hermenêutica surge como disciplina filosófica e metodologia para a compreensão dos mal-entendidos na leitura dos textos clássicos gregos e latinos, no âmbito das Ciências Humanas, muito recentemente e sua origem remonta ao trabalho desenvolvido pelo teólogo, filólogo e filósofo alemão Friedrich Schleiermacher. Existem menções a outros empreendimentos interpretativos no horizonte europeu³, que estavam mais circunscritas aos estudos das línguas clássicas ocidentais, grego e latim, como nos recorda Schmidt (2012) e o próprio Schleiermacher no início de suas conferências de Halle ao fazer menção aos estudos de Friedrich Ast e Friedrich Wolf, a quem direciona suas críticas subscrevendo os estudos anteriores ao seu como sendo apenas exercícios de leitura das línguas grega e romana. Diferente das tradições apontadas e criticadas pelo exegeta alemão, a compreensão ultrapassaria o texto buscando ocupar-se com a análise de como a interpretação ocorre. Ele procurou perguntar o que significa interpretar – e não interpretar um ou outro texto – em sentido mais geral; e fornecer as razões da interpretação (SCHLEIERMACHER, 2001).

O que se busca com esta técnica é o reestabelecimento dos sentidos – Ricoeur (2011) preferirá o uso do termo significação, que propõe o sentido como discurso – exteriores ao texto impresso, que no contexto schleiermacheriano significa a reconstrução de eventos objetivos e subjetivos de um dado discurso. Para empreender esse método interpretativo, o hermeneuta alemão desenvolveu dois planos de investigação que devem atuar complementarmente em toda tentativa de compreensão de um texto escrito: a interpretação gramatical e a interpretação técnica.

O objetivo principal da interpretação gramatical é a reconstrução dos enunciados de um autor. Antes de qualquer intento interpretativo é preciso compreender a linguagem utilizada pelo autor no momento de sua escrita, pois com o tempo os sentidos mudam, os usos da linguagem ganham novos contornos e as expressões perdem sua utilização estética e cotidiana. Enquanto os textos permanecem, via de regra, pouco alterados ao longo da história. Por isso, reafirmo, é preciso antes de tentar interpretar um autor compreender sua linguagem para se

³ É importante salientar a Hermenêutica como um projeto interpretativo de matriz europeia, uma vez que existem outros modos de interpretar, com outras condicionantes em outras culturas, ou seja, não é algo universal, tal como podemos compreender da interpretação, já que todas as culturas, cosmologias e tradições filosóficas possuem modos de interpretar a si mesmas, suas próprias teorias da interpretação.

obter uma visão em panorama daquilo que seu objeto de leitura estava tentando dizer no momento do estabelecimento do texto escrito – ou como cada vez mais frequente nas Ciências Humanas, transcrito.

Conhecer a linguagem não deve ser confundido com conhecer a língua, o que inviabilizaria um estudo sobre um autor alemão por um brasileiro não germanófilo, mas também inviabilizaria todos os estudos feitos de autores com os quais não comungamos a língua materna ou da cultura mais imediata, e são muitos. E tornaria, também, provinciana, toda a produção científica das humanidades. O que se trata aqui é de partilhar das nuances, o humor, a ironia e os exemplos impressos na escrita, este sim o horizonte de linguagem partilhada neste tipo de empreitada interpretativa. É, de fato, procurar no que há de comum entre escritor e leitor, sem reduzir o passado ao presente, reconstituindo o lugar do autor na história: sua educação, sua língua (às vezes, suas línguas), sua história (por vezes, de múltiplas fontes e contraditórias entre si) e sua profissão nos dão a possibilidade de compreender melhor sua linguagem, sua escrita (SCHLEIERMACHER, 2001; MARIÑA, 2005; SCHMIDT, 2012; HAUBERT; PRELLWITZ, 2018).

O objetivo secundário da interpretação gramatical schleiermacheriana pode parecer uma obviedade aos leitores contemporâneos, acostumados a ler em seu próprio idioma ou nas línguas de trânsito ocidentais mais comuns, mas estamos falando, à época das conferências de Halle por Schleiermacher, de leitores do Latim e do Grego, sendo esses os ‘idiomas da interpretação’ para os primeiros intérpretes que utilizaram a hermenêutica como método, daí sua preocupação com a metáfora e com a compreensão da frase (SCHLEIERMACHER, 2001), ou melhor, que o sentido de cada palavra deve ser determinado a partir das palavras ao seu redor. Para ele, para que haja compreensão é preciso reduzir a polissemia de cada palavra contextualizando o discurso. Óbvio, que este movimento se torna desnecessário por quem domina um idioma, uma linguagem e se propõe em termos acadêmicos a desenvolver uma pesquisa em caráter científico.

Além da interpretação gramatical o hermeneuta germânico postula uma interpretação técnica, por vezes também chamada de interpretação psicológica (SCHMIDT, 2012; RUEDELL, 2012a; OLIVEIRA, 2018). A interpretação técnica é complementar a gramatical e são realizadas ao mesmo tempo no processo de interpretação, com a qual se busca reconstituir o pensamento do autor pela forma como esse expressou seu pensamento na forma escrita. A compreensão técnica é

a que mais depende do círculo hermenêutico - a ideia defendida por Schleiermacher (2001) de que só se pode compreender o todo a partir das partes e vice-versa -, que se inicia na leitura preliminar do texto (o que significa uma leitura inicial, e mais quantas leituras forem necessárias para a compreensão primeira do assunto principal do texto).

Após a leitura preliminar o pesquisador deve determinar as razões que motivaram o autor a desenvolver o trabalho, o que implica em descobrir – se não estiver já dito explicitamente – o que levou o autor a escrever o texto. Ainda, identificar a composição da obra, se é uma narrativa, um poema, uma teoria ou mesmo um texto transcrito; e investigar o que o autor pensou sobre sua própria produção e procurar estabelecer os pensamentos secundários que, de alguma forma, influenciaram o autor da escrita de determinado texto (SCHLEIERMACHER, 2001; MARIÑA, 2005; SCHMIDT, 2012; RICOEUR, 1977; RUEDELL, 2006; RUEDELL, 2012b).

Dito isso, é preciso ainda apontar como a hermenêutica é possível, ou seja, como a compreensão se dá, para isso Schleiermacher (2001) postula dois métodos⁴ para se chegar à compreensão de um texto: o método divinatório e o método comparativo.

Através do método divinatório, o intérprete conseguiria reconstituir quais circunstâncias particulares levaram o autor a sua decisão seminal, e também suas ideias secundárias. Ele também incluiria, no lado técnico, a forma individual pela qual o autor conectou suas ideias para apresentação e seu uso individual do gênero escolhido. O método comparativo descobre a individualidade da obra do autor através da comparação com outras (SCHMIDT, 2012, p. 44).

O método divinatório carrega em si a própria definição, é a capacidade que temos de, ao ler um texto, compreendermos de imediato o que está escrito, pois carregamos um pouco do outro em nós mesmos. Apesar de não podermos nos colocar diante do pensamento do outro, podemos adivinhar o que o autor pensava com base no que pensamos sobre nós mesmos, já que somos seres humanos e, guardadas nossas diferenças, possuímos certas semelhanças que nos permitem compreender, mesmo que contextualmente, as abstrações mais pessoais de outro ser humano, uma vez que também amamos, sofremos e sentimos dor. Isso implica dizer que uma

⁴ Segundo Gadamer (2005, p. 255), “Para além da ocasionalidade pedagógica da prática da interpretação, a hermenêutica se eleva a condição de método, na medida em que o “mal-entendido se produz por si mesmo e a compreensão é algo que temos de querer e de procurar em cada ponto”.

frase em que esteja escrita a sentença ‘João sente dor’ não posso sentir a dor de João, mas intuo o que pode ser a dor dele e o que o autor quis indicar no texto analisando o contexto da frase. Ricoeur (2011) dirá, quase dois séculos mais tarde, que para o caráter divinatório da interpretação compreender não é apenas repetir o evento do discurso já dado pelo autor, mas gerar um novo acontecimento, uma conjectura. É preciso “conjecturar o sentido do texto porque a intenção do autor fica para além de nosso alcance” (IDEM, p. 106).

O segundo método de leitura schleiermacheriano também é autoexplicativo, o método comparativo, que implica na comparação do autor com seus contemporâneos, na tentativa de desvelar o estilo do autor e seu significado particular em seu contexto histórico. A comparação é complementar a adivinhação, uma e outra são necessárias para se compreender um texto. É ao chegar ao tema da compreensão que processaremos o salto histórico-epistemológico indicado desde a primeira nota deste ensaio, aterrissando na atualização hermenêutica textual proposta por Ricoeur em *Teoria da Interpretação* (2011).

Terceira nota

Ricoeur (2011) procura situar sua teoria interpretativa para além da ideia romântica de que podemos compreender o autor melhor do que este mesmo se compreendeu, para ele a questão da compreensão não está na submissão às intenções do autor, mas um processo produtivo no qual os sentidos são construídos a partir dos textos, nesse sentido, inscrevendo-se para além da “dialética da desmistificação e da restauração dos sentidos” (Franco, 1995, p. 52). Com isso ele situa a interpretação para além da relação explicação/compreensão cujo domínio deixa claro para que não se faça maiores confusões:

A explicação encontra seu campo paradigmático de aplicação nas ciências naturais. Quando há factos externos a observar, hipóteses a submeter à verificação empírica, leis gerais para cobrir tais factos, teorias para conter as leis num todo sistemático, e a subordinação de generalizações empíricas a procedimentos hipotéticos-dedutivos, então, podemos dizer que explicamos. E o correlato apropriado da explicação é a natureza entendida como horizonte comum de factos, leis e teorias, hipóteses, verificações e deduções.

Em contraste, a compreensão acha seu campo originário de aplicação nas ciências humanas (as *Geisteswissenschaften* alemãs), onde a ciência tem a ver com a experiência de outros sujeitos ou de outras mentes semelhantes às nossas. Funda-se no caráter significativo de formas de expressão como signos fisionômicos, gestuais, vocais, ou escritos, e em documentos e monumentos que partilham com a escrita o caráter geral de inscrição (RICOEUR, 2011, p. 103).

Para os adeptos do binarismo, é preciso explicar que o caráter dicotômico da relação explicação e compreensão é um problema de ordem epistemológico-ontológico impresso metodologicamente nos espectros da realidade objetivados por estes dois modos de inteligibilidade: a natureza e o espírito. A interpretação não seria um terceiro termo, uma forma alternativa de inteligibilidade do humano, mas um modo particular de compreensão. “É a compreensão aplicada às expressões escritas da vida” (RICOEUR, 2011, p. 104). Para Ricoeur, a interpretação propõe uma dialética entre Compreensão e Explicação, como um movimento que vai da primeira para a segunda: “Da primeira vez, a explicação será uma captação ingênua do sentido do texto enquanto todo. Da segunda, será um modo sofisticado de compreensão apoiada em procedimentos explicativos” (RICOEUR, 2011, p. 105).

Tal procedimento de leitura nos apresentaria um evento particular, que não deve ser submetido aos eventos exteriores a que a expressão se refere. Trata-se de evidenciar que uma experiência, um acontecimento que não pode ser transferido para uma outra consciência. No entanto algo se transfere neste processo de leitura e não é a experiência privada do sujeito, esta permanece privada e jamais se saberá como de fato sentiu tais eventos em seu devir, mas a significação (o sentido como discurso, é preciso reafirmar) dessa experiência que torna-se pública, convertendo-se num evento, num conteúdo proposicional que instaura uma troca intersubjetiva, estabelecendo um diálogo. “E podemos considerar que o leitor é o interlocutor e o texto escrito é, ao mesmo tempo, o lugar da locução e o locutor. [...] A posição de Ricoeur é muito clara: o texto é independente das intenções subjectivas do autor, o texto fala por si, o texto é autônomo” (FONSECA, 2009, p. 20). E um texto só consegue nos dizer algo hoje por gozar dessa independência em relação ao autor e ao seu primeiro horizonte de recepção (JERVOLINO, 2002; ABEL; PORÉE, 2007; SCOTT-BAUMANN, 2009).

Assim, compreender não se reduz a um processo de repetição do discurso alheio de outra forma, mas na produção de um novo acontecimento, impulsionado pelo texto inicial que o motivou amplificado pelo diálogo. É preciso conjecturar o sentido de um texto já que não temos acesso à intenção do autor, salvo quando essa é manifesta, mas aí talvez seja um tipo de texto para o qual a interpretação, tal como venho desenvolvendo nesse escrito, não se faça necessária.

Em conclusão, pois, existe um problema da interpretação, não tanto por causa da incomunicabilidade da experiência psíquica do autor, mas por causa da

natureza da intenção verbal do texto. A superação da intenção pelo sentido significa precisamente que a compreensão tem lugar num espaço não psicológico e apropriadamente semântico, que o texto revelou ao separar-se da intenção mental de seu autor (RICOEUR, 2011, p. 107).

O autor nos chama atenção para o fato de que não há regras para se fazer boas conjecturas⁵, e a transição da conjectura para a explicação se dará com o desenvolvimento de uma investigação do caráter específico da conjectura proposta pela leitura, que é a validação.

Dito isso, Ricoeur (2011) estabelece três pontos dos quais se pode inferir o que se conjectura ao compreender e colaboram para o processo de validação: É preciso 1) construir o sentido do texto como um todo; 2) estabelecer a individualidade do texto – o que faz dele um exemplar único; 3) estar atento à potencialidade e atualizações de sentido – em especial nos textos literários e filosóficos. Mesmo com todo esse processo ainda haverá em uma leitura muita indeterminação e falsificação, o que não é um problema, antes uma consequência de nossa relação sempre incompleta com os textos e essa incerteza só poderá ser minimizada com a concorrência de outras interpretações, cujo conflito e disputa por espaço pode ser potencializador e produtor de novas conjecturas. As hermenêuticas rivais estabelecem uma luta sem fim com a qual só temos a ganhar, na medida em que podemos ter acesso a muitos modos de dar a ler e fazer nosso próprio julgamento sobre a leitura mais adequada ou provisoriamente verdadeira. Isso não significa que nos tornemos reféns da interpretação alheia. É possível através da própria dinâmica de validação confrontar interpretações argumentando a favor ou contra, inclusive, criticando nossas próprias conjecturas.

A hermenêutica ricoeuriana ainda reserva um conceito que guarda íntima relação com o estudo proposto, que é a apropriação, que para ele significa tornar o que é alheio seu, num esforço de diminuição do estranhamento; e será a apropriação o objetivo final de todo o processo de compreensão, cujo fim está no desvelar de uma forma de olhar as coisas, o mundo, a partir do texto. O leitor tem nesse ato a possibilidade de conhecer melhor a si mesmo, alargando sua autoprojção ao receber uma nova forma de existência através do texto.

Dessa forma, a apropriação deixa de ser uma espécie de posse ou de redução (uma forma

⁵ Este é um dos muitos tributos de Ricoeur a Schleiermacher, quando este afirma: “Conjectura corresponde ao que Schleiermacher chamou de ‘divinatório’ e validação ao que ele denominou ‘gramatical’”. Ambos são necessários para o processo de ler um texto” (RICOEUR, 2011, p. 108).

de projeção de nossas preconcepções), mas um exercício de proximidade com o outro. Interpretação é, ao final, para Ricoeur (2011), um ato de autocompreensão. A apropriação no sentido proposto pelo autor conduz o leitor a uma hermenêutica de si, uma forma de análise pelo sujeito de sua existência, ao inserir no modo como se vê outros conceitos e outros mundos possíveis como horizonte de possibilidade para existir.

Nota final

O avanço mais radical da hermenêutica de Ricoeur em relação à de Schleiermacher, que é a compreensão ricoeuriana da autonomia textual - de que um texto é algo vivo e autônomo, produzindo um *quasi*-mundo literário, cujo imaginário (presentificado pelos escritos que compõem um conjunto disciplinar ou os escritos de um tempo ou lugar) afeta a produção de um conhecimento de si e do Outro (Ricoeur, 1989) - é algo a que não recorreremos nessa última nota, pois foge aos objetivos desse ensaio. Já dissemos o suficiente acima e muitos caminhos foram até aqui elencados para que um leitor curioso se aventure em suas próprias leituras e não precise depender tanto de exercícios *quasi*-explicativos como esse. Persiga os caminhos abertos, construa suas próprias interpretações e conjecturas.

Entendo que não se podia esperar de Schleiermacher algo diferente em seu contexto histórico, de leitura fundada em preceitos e necessidades teológicas, de uma universidade que buscava se ligar ao passado clássico como forma de afirmação a até de resistência ao obscurantismo que a cercava (pode-se dizer de alguma semelhança com o tempo presente, mas, também seria outro exercício de escritura). Cujas bases de um pensamento europeu se colocava com os ares da pretensão universalista que construía pontes entre o passado e o presente para tentar desenhar o futuro. De Ricoeur, o que ele entrega é muito em acordo também com seu tempo, com as tentativas de marcar a morte do autor e da autonomia do texto (BARTHES, 2004; FOUCAULT, 1992; AGAMBEN, 2007). Talvez, compreender os autores nos reserve mesmo este olhar condescendente - ou humano - sobre quem nos precedeu e que possamos olhar para trás e vermos que havia humanos onde, por vezes, a recepção colonizada (MATOS-DE-SOUZA, 2021) e pouco crítica nos faz ver heróis que adentram labirintos em que habitam monstros e saem vivos, nos quais, nós, os meros mortais, nos perdemos com facilidade. Nós temos os romances e sabemos que no labirinto não há nenhum minotauro prestes a nos obliterar. Perder-se no labirinto pode, inclusive, ser nosso desejo

e o monstro, como sabemos, nem sequer existe.

Ressalto agora alguns pontos que entendo serem importantes para finalizar este modesto ensaio sobre a hermenêutica textual como provocação ao trabalho de pesquisa no campo educacional:

1) Ler é um ato de liberdade, mas, com a devida organização e, na medida em que o mal-entendido faz sombra a todo exercício de leitura, construir um modo de interpretar, organizá-lo, chamá-lo de método e dar-lhe a devida visibilidade pode ser uma forma de se diminuir qualquer sombra que se coloque em nossas páginas. Erigir este tipo de autoridade deve estar no horizonte de todos os que se aventuram na pesquisa e procuram desenvolver uma voz própria.

2) Se toda hermenêutica é um projeto, podemos constituir nossos modos de interpretar, inclusive, inventar necessidades interpretativas ao nos lançarmos sobre nossos passados, nossos escritos e nossas mitologias, que podem substituir a metáfora do labirinto e do monstro, por uma que tenha uma floresta e um sem fim de ‘monstros’ a nos atacar, reais e metafóricos, mas mais adequados ao nosso tempo e cultura. Tais interpretações podem abrir novos horizontes metafóricos (SARR, 2019), que nos permitam cunhar nossas próprias metáforas, estabelecer novos horizontes mitológicos e, com isto, avançar em novas conjecturas que indiquem a invenção de outras teorias do humano.

3) Por fim, no campo da Educação no qual sobram muitas certezas, interpretar é algo urgente. Fomos ensinados a aderir, a compor os quadros, a reproduzir, mas, para se chegar ao pensamento próprio se faz mais do que necessário um exercício de autoridade que se inicia quando se diz que algo precisa de interpretação, que é preciso mais para se compreender. Por vezes, a hermenêutica pode ser um ato de afirmação epistemológica, ou mesmo de desobediência às amarras impostas por uma tradição. Assim, imploro a você leitor que vá além dos limites desse exercício, e se coloque ativamente na interpretação não somente deste texto, questionando-o, mas do próprio campo epistemológico ao qual entende que está vinculado. Destrua os labirintos que já estão previamente desenhados, por vezes, meros decalques do que se podia fazer no passado e com muito menos condições para se pensar a totalidade e as particularidades do mundo que dispomos hoje.

REFERÊNCIAS

- ABEL, Olivier; PORÉE, Jérômé. **Le vocabulaire de Paul Ricoeur**. Paris: Ellipses, 2007.
- AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.
- ALVES, Marcos Alexandre. Da hermenêutica filosófica à hermenêutica da educação. **Acta Scientiarum. Education**, Maringá, v. 33, n. 1, p. 17-28, maio 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/actascieduc.v33i1.11265>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- ARAÚJO, Leyvijane Albuquerque de. Identidade do Pedagogo e Identidade Narrativa de Ricoeur: algumas aproximações. In: MEDRADO, A.C.C.; SALLES-LIMA, A.; SANTOS, R. S. S.; MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. **Em busca de um horizonte: narrativas sobre educação, arte e resistência**. Brasília Edições Redexp; Manizales: Editorial da Universidad de Manizales, 2019.
- BARTHES, Roland. **O Rumor da Língua**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- FERREIRA, Leonardo Magalde. A Hermenêutica Contemporânea: Entre Texto e Vida. **Kínesis**, Marília, Vol. XI, nº 27, p.76-98, abril, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.36311/1984-8900.2019.v11.n27.07.p76>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- FLICKINGER, Hans-Georg. **Gadamer & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.
- FONSECA, Maria de Jesus Martins da. **Introdução à hermenêutica de Paul Ricoeur** In: Millenium, Viseu, vol. 36, nº 14 p.1-27, maio, 2009. Disponível em <https://revistas.rcaap.pt/millenium/article/view/8284>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- FOUCAULT, Michel. **O que é um autor**. Lisboa: Vega, 1992.
- FRANCO, Sergio de Gouvêa. **Hermenêutica e Psicanálise na obra de Paul Ricoeur**. São Paulo: Loyola, 1995.
- GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I: traços fundamentais de uma hermenêutica do sujeito**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- HAUBERT, Laura Elizia; PRELLWITZ, Klaus Penna. Apontamentos sobre a Hermenêutica de Friedrich Schleiermacher. **TEXTURA**, Belo Horizonte, vol. 10, nº 13, p. 39-48, dezembro, 2018. Disponível em <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistacontextura/article/view/3867>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.
- JERVOLINO, Domenico. **Paul Ricoeur: une hermeneutique de la condition humaine**. Paris: Ellipses, 2002.
- LARROSA, Jorge. **Tremores: escritos sobre experiência**. Belo Horizonte: Autêntica, 2014.

MARIÑA, Jacqueline. (Ed). **The Cambridge Companion to Friedrich Schleiermacher**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. A Inscrição no Mundo: apontamentos sobre história da leitura, hermenêutica e estética da recepção. **Revista Práxis de História e Cultura**, Salvador, V. 5, p. 16-27, 2011. Disponível em http://revistas.unijorge.edu.br/praxis/2011/pdf/16_aInscricaoNoMundo.pdf. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo; SOUZA, Elizeu Clementino de. A (De)Formação pela Escola: Representações de Processos Formativos na Trilogia Autobiográfica de Elias Canetti. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 1, n. 2, p. 236-253, Maio/Agosto, 2016. Disponível em <https://doi.org/10.31892/rbpab2525-426X.2016.v1.n2.p236-253>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

MATOS-DE-SOUZA, Rodrigo. El Colonialismo revisitado por la memória. In: GARCÍA, Oscar Armando Jaramillo; SEDEÑO, Jhonnatan. Moisés Curiel; RAMIREZ, Isabel Redondo. **Territorios, Comunidades y Prácticas: una lectura en clave decolonial**. Pereira, Colômbia: Universidad Libre, 2021, p. 21-41.

MÈLICH, Joan-Carles. **Filosofia de La Finitud**. Barcelona: Herder, 2012.

MISGELD, Dieter; NICHOLSON, Graeme. **Hans-Georg Gadamer on Education, Poetry, and History: Applied Hermeneutics**. New York: State University of New York Press, 1992.

OLIVEIRA, D. S. Contribuições De Schleiermacher Para A Filosofia Clássica Alemã. É: **Revista Ética e Filosofia Política**. Volume I , n. 21, p. 129-141, julho, 2018., Disponível em <https://doi.org/10.34019/2448-2137.2018.17716>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

PEREIRA, Vilmar Aalves (Org.). **Hermenêutica & Educação Ambiental no Contexto do Pensamento Pós-Metafísico**. Juiz De Fora: Garcia Edizioni, 2016.

RICOEUR, Paul. **Interpretação e Ideologia**. Tradução Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1977.

RICOEUR, Paul. **Teoria da Interpretação: o discurso e o excesso de significação**. Lisboa: Edições 70, 2011.

RICOEUR, Paul. **Do Texto à Acção: ensaios de hermenêutica II**. Porto: Rés-Editora, 1989.

RUEDELL, Aloísio. Hermenêutica e Subjetividade: Uma discussão a partir de Schleiermacher e de Paul Ricoeur. **Veritas**, Porto Alegre, v. 51, n. 4, p. 29-47, dezembro, 2006. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2006.4.34447>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

RUEDELL, Aloísio. Gadamer e a recepção da hermenêutica de Friedrich Schleiermacher: uma discussão sobre a interpretação psicológica. **Veritas**, Porto Alegre, v. 57, n. 3, p. 74-85, dezembro, 2012a. Disponível em <https://doi.org/10.15448/1984-6746.2012.3.10648>. Acesso

em 11 de Fevereiro de 2022.

RUEDELL, Aloísio. Hermenêutica e linguagem em Schleiermacher. **Natureza humana**, São Paulo, v. 14, n. 2, p. 1-13, 2012b. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302012000200001&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em 07 de dezembro de 2020.

SAAR, Felwine. **Afrotopia**. São Paulo: n-1 Edições, 2019.

SCHLEIERMACHER, Friedrich. **Hermenêutica**: arte e técnica da interpretação. Petrópolis: Vozes, 2001.

SCHMIDT, Lawrence. K. **Hermenêutica**. Petrópolis: Vozes, 2012.

SCOTT-BAUMANN, Alison. **Ricoeur and the Hermeneutics of Suspicion**. London: Continuum, 2009.

SICHELERO, Junior Jonas. Linguagem, hermenêutica e educação. **Revista Brasileira de Educação**. Rio de Janeiro, v. 24, e240012, 2019. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-24782019000100206&lng=en&nrm=iso>. Acesso em 08 de Dezembro de 2020.

SILVA, Luzia Batista de Oliveira. A interpretação hermenêutica em Paul Ricoeur: uma possível contribuição para a educação. **Revista Comunicações**, Piracicaba, vol. 18, n. 2, p. 19-36, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.15600/2238-121X/comunicacoes.v18n2p19-36> . Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

WELLER, Wivian. Aportes hermenêuticos no desenvolvimento de metodologias qualitativas. **Linhas Críticas**, Brasília, v. 16, n. 31, p. 287-304, 2010. Disponível em: <https://doi.org/10.26512/lc.v16i31.3617>. Acesso em 11 de fevereiro de 2022.

ZIZEK, Slavoj. **Acontecimento**: uma viagem filosófica através de um conceito. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

Submissão em: 02/03/2022

Aceito em: 04/06/2022

Citações e referências
conforme normas da:

